

"Da arte de conversar" é um ensaio constante do volume III da obra de Montaigne, *Ensaíos*.^{*} Os dois primeiros volumes foram publicados pela primeira vez em 1580 e, em 1588, o autor foi a Paris para publicar uma nova edição acrescida do terceiro volume. Segundo observações do autor, as publicações feitas durante sua vida receberam sempre algumas modificações, destinadas apenas a acertar detalhes de estilo e não a modificar as percepções do momento em que foram registradas.

Michel Eyquem de Montaigne nasceu em 28 de fevereiro de 1533, em Périgord, no castelo de Montaigne e morreu em 13 de setembro de 1592, no mesmo local. De sua biografia parece interessante assinalar a educação que recebeu de seu pai, inovadora até para os padrões modernos. Era acordado ao som de um instrumento musical, e a aprendizagem do latim lhe foi propiciada seguindo um método muito apropriado e sem sacrifícios, na medida em que todos os familiares deviam dirigir-se ao menino nessa língua. Igualmente interessante foi a sua

* Todas as citações desse texto de Montaigne se referem à edição de 1987, publicada pela Editora da Unb, em convênio com a Hucitec. As citações referentes ao Capítulo "Da arte de conversar" trazem apenas a indicação da página e são feitas no corpo do texto. As demais são separadas do texto e trazem a indicação do volume e do capítulo, respectivamente.

participação em cargos públicos, o abandono voluntário dos mesmos, a grande amizade por Etienne de La Boétie e sua obra de escritor.

A atividade literária de Montaigne se resume nos seguintes trabalhos: tradução para o francês da *Teologia natural*, de Raymond Sebond, a publicação dos opúsculos de La Boétie - *Discurso da servidão voluntária e alguns poemas*, para os quais escreveu a apresentação, um *Diário de viagem* e os *Ensaíes*.

Montaigne é conhecido quase exclusivamente pelos *Ensaíes*, sua obra mais relevante. Na época em que surgiu, foi considerada inovadora, mas ainda hoje mantém o seu estatuto peculiar, que a torna única, apesar das possíveis semelhanças existentes entre ela e a obra de alguns de seus pretensos seguidores como Pascal e Descartes. É difícil classificá-la: para os filósofos lhe falta sistematicidade; para os críticos literários é demasiadamente filosófica. É constituída de um tipo de ensaio pessoal; porém, através dos vários textos, não chegamos a conhecer todos os detalhes da vida do escritor, porquanto não se trata de uma obra puramente autobiográfica. O autor seleciona e interpreta fatos de sua vida e isso confere aos escritos uma característica específica, que os aproxima da ficção, mas não são unicamente isso.

Do ponto de vista da composição, os ensaios dos dois primeiros volumes são mais breves e os do terceiro, mais desenvolvidos. Apenas o capítulo XII, "Apologia de Raymond Sebond", constante do volume II, é um ensaio extenso. Montaigne emprega a palavra "ensaio", segundo observação de Pierre Moreau (1987), com vários sentidos: experiências que não aspiram ao êxito, que se detêm no limiar da realização, experimentação, prova obtida ao contato das coisas, jogo da imaginação e

da inteligência, dissertação que não disserta, passeio fácil entre idéias e recordações.

Outros procedimentos como a citação, a livre associação de idéias, a análise psicológica, a narração de casos e episódios caracterizam o método de conhecimento utilizado pelo escritor, que se vale desses princípios em todos os *Ensaio*s, embora cada qual verse sobre diferentes assuntos. Não há uma preocupação com a unidade exterior em relação aos assuntos tratados e aos títulos dos capítulos. Muitas vezes, o autor junta num único ensaio idéias díspares e sem uma relação aparente, um ato deliberado e consciente, ao qual se refere nos seguintes termos:

Os títulos dos meus capítulos nem sempre estão de acordo com a matéria; não raro a relação se manifesta apenas através de algumas palavras (...). Gosto de andar dando cabriolas, à maneira dos poetas, que é ligeira e alada, demoníaca, como diz Platão (...); o leitor distraído é que perde de vista o meu tema; eu não. (1987, vol. III, cap. IX)

Podemos considerar que os elementos constituintes do método utilizado por Montaigne em sua obra consistem na ausência de sistematicidade e finalidade e no emprego de procedimentos predominantemente literários na abordagem de temas filosóficos, morais, éticos, religiosos. Do mesmo modo, constatamos que as idéias do autor se desenvolvem a partir da observação e descrição apenas, sem a formulação de juízos, fatores que caracterizam a investigação montaigniana como reflexiva, sendo que o pensamento possui um lugar privilegiado no cômputo das atitudes humanas. Pensar, para ele, é formar-se, autoeducar-se. Tudo deve ser motivo de reflexão:

A leitura serve-me principalmente de pretexto a meditações; faz que meu espírito trabalhe e não minha memória. Pouco me interessam as conversações, se não versam assunto sério e suscetível de levar à reflexão. (1987, vol. III, cap. III)

Através da análise do capítulo VIII, do volume III, dos *Ensaaios* - "Da arte de conversar" -, pretendemos explicitar, por meio de exemplos, o modo como se configura o método de conhecimento de Montaigne.

À primeira vista, encontramos nesse capítulo diversos temas a que o autor dispensa atenção: a crítica de si próprio, a conversação com suas várias implicações, tais como: o agradável e o proveitoso desse exercício, os tipos de espíritos preferíveis, os possíveis acordos, as opiniões do vulgo, as contradições de opinião, as formas de crítica, as reações dos interlocutores e as suas próprias, a cólera, a ordem nas discussões, a atitude pessoal diante de argumentos mais fortes, as reações decorrentes, o essencial e o acessório, alguns vícios presentes nos que participam de discussões.

Além desses dois temas gerais e dos demais, que a eles se relacionam, nesse mesmo capítulo, Montaigne traz à cena outros que, de um certo modo, não estão desvinculados entre si. Trata-se dos oradores, a quem critica ironicamente; do saber e do proveito que ele proporciona aos que o possuem; da investigação; da irritação; da incerteza dos julgamentos. Em determinado momento, o escritor volta-se novamente para a conversação, assunto que constitui o pano de fundo no desenvolvimento do seu tema central, para alertar sobre os possíveis engodos que uma exterioridade imponente pode provocar. Depois o deixa de lado para considerar a experiência, os historiadores, a ousadia, as qualidades de espírito necessárias ao exercício da ciência ou da filosofia e

aos governantes, a presença do acaso. Mais adiante, quando retorna ao assunto, é para eleger a conversação como uma forma privilegiada da prática refutatória, aduzindo inúmeros argumentos que inviabilizam a aceitação de qualquer verdade proposta. Por fim, conclui o capítulo de modo aparentemente inesperado, dedicando considerável atenção ao historiador Tácito.

Diante dessa multiplicidade de observações, argumentos e pontos de vista, parece necessário buscar um eixo central norteador dentro do texto, tanto mais que o autor afirma jamais perder de vista o seu tema. São diversas as alusões, no decorrer de sua obra, a respeito do fato de tomar-se a si mesmo como objeto de estudo. No capítulo II, do vol. III, observa que os escritores, em geral, ocupam-se de assuntos estranhos à sua personalidade, enquanto que ele, fugindo à regra e pela primeira vez, fala de si mesmo e não do gramático, ou jurisconsulto, ou poeta, mas do homem: "Se o mundo se queixar de que só falo de mim, eu me queixarei de que ele não pensa somente em si" (p.153).

Assim sendo, apesar do título do ensaio, "Da arte de conversar", é o conhecimento de si próprio o objetivo principal do autor. A conversação constitui um meio através do qual pode avaliar-se, estudar-se, em uma circunstância específica. É certo que no seu processo investigatório aparecem muitos outros elementos, porém o eu do autor é a presença constante, o tema central. A análise psicológica está predominantemente voltada para si mesmo; em sua obra trata de esquadrihar cada canto da alma em estado cambiante e nenhuma de suas reações escapa à perspicácia analítica do escritor. Esse dado está intrinsecamente ligado à sua concepção do mundo. Toda a investigação montaignia-

na do mundo passa antes pelo autoconhecimento, pois o que sabemos dos seres e das coisas é o que nos é primeiramente revelado pelos sentidos e depois transformado pela razão e pela imaginação. Como todos estão sujeitos a infinitas variações na conformação dos sentidos e estados de espírito, o conhecimento não pode ser senão pessoal, diferindo de indivíduo para indivíduo e não sendo, portanto, nem único, nem universal. É essa uma regra seguida pelos filósofos céticos, aos quais Montaigne, nesse capítulo, se filia: "Nós, que privamos a nossa inteligência do direito de julgar, encaramos sem antipatia as idéias alheias e damos-lhes ouvidos, embora não as acatemos" (p. 243). O conhecimento do mundo que nos revela é, portanto, o conhecimento de um indivíduo particular, ele mesmo, razão pela qual não nos apresenta certezas, mas impressões, observações, descrições. Não há nenhum dogmatismo na investigação de Montaigne. Tal como os demais ensaios, "Da arte de conversar" se estrutura a partir da livre associação de idéias; parte relevante nesse processo cabe aos autores antigos, objeto de permanente consulta e diálogo estabelecidos por Montaigne. Inicia com um assunto aparentemente sem relações com o que pretende, considerando sobre as razões dos tribunais de condenarem alguns para exemplo de outros. Conforme Platão, condenar alguém só porque errou seria inepto, porque o que está feito não se desfaz, mas é para que outros não tornem a errar ou a fim de que atentem para o castigo: "Não se corrige quem se enforca, corrigem-se os demais com ele" (p.242).

Por meio dessa introdução, o autor se situa numa perspectiva semelhante à do enforcado, isto é, vai expor os seus erros e defeitos para não ser imitado: "Publicando e criticando minhas imperfeições,

ensinarei alguém a temê-las" (p.242). Reforçando sua argumentação, cita Horácio: "Não vedes como o filho de Albo vive mal e como Barro se tornou miserável? Bom exemplo: que vos ensine a não dissipar vosso patrimônio" (p.242). Assim, podemos notar que o processo associativo passa aqui pelas seguintes idéias: a condenação dos tribunais, a prescrição de Platão, a exemplaridade, o castigo, o enforcado, os atos praticados, a dilapidação do patrimônio, a presença de Horácio, a crítica de si mesmo. Em todo o texto, ocorre esse mesmo processo, como, por exemplo, quando se refere ao valor da conversação, ao ciúme, à tolice, à ausência de julgamento, às opiniões diferentes quanto à preferência de números ímpares ou de ser o décimo segundo ou décimo quarto à mesa em vez de ser o décimo terceiro, à contradição de opiniões, etc. A livre associação de idéias constitui um dos aspectos mais relevantes da escrita montaigniana; trata-se de um recurso estilístico que permite a expressão de uma concepção do mundo que não está fundada em princípios sistemáticos, assertivos e lógicos. O autor segue uma lógica cujos pressupostos estão na idéia da mudança, da variação perpétua dos seres, da instabilidade de tudo o que existe. Sua escrita não é afirmativa, antes perde-se em detalhes, descrições, reflexões, sem chegar a nenhuma conclusão. Notamos nas alusões acima a presença de diversas citações dos autores antigos com quem o autor dialoga e dos quais se vale para reforçar sua argumentação, embora os descontextualize para inseri-los em um outro contexto, o dos *Ensaio*s. A conversação é o exercício mais proveitoso e natural de nosso espírito, segundo o autor. Os atenienses e os romanos o tinham em alta conta. Enquanto o contato com os livros constitui uma atividade

calma, que não entusiasma, a conversação ensina e exercita ao mesmo tempo; entram ali vários componentes que excitam: o ciúme, o amor-próprio, a atenção. O acordo na conversação é qualidade bem aborrecida, mas enquanto nosso espírito se fortalece ao contato com espíritos mais fortes e sensatos, definha e se empobrece no comércio com os vulgares e doentios: "Gosto de discutir e conversar, mas é com pouca gente e para meu proveito. Pois servir de espetáculo aos grandes e fazer exibição de espírito são coisas que considero pouco recomendáveis em um homem de bem" (p.243).

"Não há conversação sem contradição", diz Cícero, e Montaigne o cita, porém não gostamos de ser corrigidos. As críticas devem ser feitas em tom de conversa, sem brutalidade, mas precisam ser sinceras. Se a cólera toma conta do espírito e o turva logo, como continuar na busca da verdade, objeto de todas as contradições? Em geral, as pessoas não se animam a corrigir os outros por não suportar que as corrijam e, por isso, sua linguagem, quando estão umas diante das outras, carece de franqueza. Se essas observações de Montaigne, que procuramos sintetizar, parecem conduzir ao estabelecimento de regras para uma conversação proveitosa, ou acenam com a possibilidade de se chegar a uma verdade ao final, não é o que podemos deduzir de fato, pois, ao lado disso, o autor acrescenta: "Tenho tanto prazer em ser julgado e apreciado, que me é indiferente a maneira porque o fazem. Minhas idéias são amiúde tão contraditórias que se condenam sozinhas e pouco me importa que outro as condene também, tanto mais quanto dou à crítica uma importância relativa" (p.244). Para o autor, a contradição está no âmago do espírito humano e, portanto, não há possibilida-

de de chegarmos à verdade sobre qualquer coisa. Na conversação, essa característica do ser humano se explicita muito mais claramente.

Entretanto, “o mundo não passa de uma escola de investigação”, onde quem ganha não é aquele que corre mais, mas o que corre melhor. Por isso, o que interessa a Montaigne não é o assunto propriamente dito, sobre o qual é impossível chegar a uma conclusão definitiva e verdadeira, mas a maneira como tal assunto é tratado: “não me ofendo com o erro que vem da ignorância e sim com a inépcia” (p.246). O escritor alude em diversos momentos de sua obra à importância do método em detrimento do assunto em si. E o método por ele seguido consiste em analisar um objeto ou causa em questão sob todos os pontos de vista, examinando todas as formas em que nos aparece; essa análise nos leva a perceber que os diferentes pontos de vista se equivalem e, portanto, é preciso evitar a formulação de juízos. Algumas observações de Montaigne acerca do que pode ocorrer numa conversação estão relacionadas à prática refutatória, como por exemplo, quando assinala o fato de que, muitas vezes, o traje, a gravidade, a condição social de quem fala faz com que seja dado crédito a palavras vãs e ineptas. Mais diretamente ligada à prática cética da refutação está a referência a que não devemos aceitar sem reflexão ditos que nos parecem felizes, pois a maioria é rica em competência alheia e pode ocorrer que alguém cite uma bela frase sem lhe perceber o alcance exato. Considera, então que não devemos ceder logo a determinado argumento, sendo necessário refutá-lo francamente, se isso for possível, ou deixar em suspenso e ponderá-lo melhor, examinando-o no sentido empregado pelo autor.

Nesse capítulo, Montaigne elege o assunto da conversação para análise e reflexão, mas, sem perder de vista o seu objetivo central, o estudo de si mesmo, trata de criticar uma atitude sua, de impacientar-se com as tolices alheias: "A tolice é péssima qualidade, mas não a poder suportar e moer-se por sua causa, como me acontece, é também uma doença que nada fica a dever à tolice. É o que quero criticar em mim agora" (p.243). Como a tolice se manifesta mais explicitamente na conversação, nas disputas de idéias, investiga os diferentes modos que tem de aparecer. Para o escritor, é sempre rispidez tirânica não suportar maneiras diferentes da nossa; não há maior tolice do que impressionar-nos com as tolices alheias, tanto mais que, quando praticadas por nós mesmos, também nos aborrecem. E ninguém está livre delas, nem mesmo Míson, um dos sete sábios, que, interrogado sobre porque ria sozinho, respondeu: "exatamente porque estou a rir sozinho" (p.248).

A ciência também precisa ser criticada: "Ora, quem não há de desconfiar da ciência, 'das letras que nada curam' (Sêneca), e duvidar que dela se tire algum resultado sério, dado o uso que fazemos dela? A quem deu a lógica inteligência e juízo? 'Não ensina nem a viver melhor nem a bem pensar' (Cícero). Haverá mais confusão no palavrório das regateiras do que nos discursos dos profissionais?" (p.246). Ao fim de contas, a boa e a má sorte são soberanas na indicação dos caminhos. "É insensato pensar que a sabedoria humana possa desempenhar o papel do destino". A nossa própria sabedoria e mesmo nossas decisões, segundo Montaigne, são, o mais das vezes, fruto do acaso: "minha vontade e meu raciocínio pendem ora para um lado ora para outro e

muitos desses movimentos se produzem sem a minha intervenção. Minha razão é sujeita a impulsos e agitações diárias e fortuitas. 'Nada varia tanto quanto as disposições da alma; uma paixão perturba-a, mas mudem os ventos e outra a arrastará' (Virgílio)" (p.252).

A alusão ao historiador Tácito, no final do capítulo, serve para que possa tecer algumas considerações sobre a história e os historiadores, e sobre a personalidade do autor antigo. Nesse momento, surgem algumas alusões de caráter narrativo a respeito das atividades do autor em questão. Sobretudo, o assunto serve para que reintroduza, para então concluir, o seu tema central: o estudo de si mesmo. Criticando o excesso de humildade de Tácito, que se desculpa por falar do cargo que exerceu, e segundo Montaigne, de modo honroso, faz a seguinte observação: "É preciso desprezar as regras vulgares da boa educação, quando se está a serviço da verdade e da liberdade. Não somente ouso falar de mim, mas ainda falar só de mim; e quando falo de outra coisa, engano-o, fujo ao assunto" (p.257).

Se pretendemos estabelecer princípios para uma metodologia do conhecimento em Montaigne, faz-se necessário considerar os diversos aspectos até aqui expostos: a ausência de idéias conclusivas, a assistemática do seu pensamento, expresso através do modo estilístico da livre associação de idéias e a onipresença do eu do autor, objeto principal de estudo e reflexão. Para o escritor, o que podemos considerar como conhecimento do mundo não pode passar de autoconhecimento e, ainda assim, relativo, porquanto cambiável; só conhecemos o mundo a partir de nós mesmos e somos, muito amiúde, enganados pelos sentidos e sempre afetados pela mudança. Devido a isso, não há

sabedoria nem ciência possível, sendo o acaso o maior responsável pelas nossas atitudes e decisões. Daí a impossibilidade de julgar, de emitir opiniões definitivas acerca dos fatos e das coisas. A incerteza constitui o princípio fundamental do método de conhecimento de Montaigne e tudo o que investiga serve apenas para realçá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Ensaíes*. Brasília: Hucitec, 1987. 3 v.

_____. *Ensaíes*. Vol. I Trad. de Sérgio Milliet, precedido de Montaigne - o homem e a obra, de Pierre Moreau. Brasília: Hucitec, 1987.